
O existente na “sala de espera metafórica”: considerações fenomenológicas sobre o tédio no paciente à espera de tratamento

The Existing Being in the “Metaphorical Waiting Room”: Phenomenological Considerations on Boredom in Patients Awaiting Treatment

DOI: 10.12957/ek.2025.93875

Guilherme Bernardo Moreira Soares¹

Fundação Oswaldo Cruz

psi.guilhermebms@gmail.com

RESUMO

O artigo emerge a partir da experiência do paciente na chamada “sala de espera metafórica”, expressão utilizada por Judith Eguzoikpe (2025) para nomear o tempo suspenso vivido entre procedimentos diagnósticos e tratamentos. Partindo do caso de um paciente oncológico, denominado aqui Sr. Paulo, reflete-se sobre essa espera em vinculação com o tédio, compreendido como tonalidade afetiva fundamental (*Grundstimmung*) descrita por Martin Heidegger em *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica*. São analisadas as formas do tédio — “ser entediado por...”, “estar entediado junto a...” e “tédio profundo” — em diálogo com a experiência das salas de espera médicas, tanto em sentido literal, quanto metafórico. A fenomenologia aponta para como, ao despertar o tédio, essa situação nos lança para além da cotidianidade e da impessoalidade, desvelando modos de temporalizar e habitar o mundo. Por fim, o texto indica que pode contribuir com um trânsito de mão dupla entre o campo da fenomenologia hermenêutica (no horizonte filosófico e clínico) e o campo do cuidado ampliado em saúde.

Palavras-chave

Fenomenologia hermenêutica. Daseinsanálise. Tédio profundo. Oncologia. Cuidado em Saúde. Espera em saúde.

ABSTRACT

This article emerges from the patient's experience in the so-called "metaphorical waiting room", an expression used by Judith Eguzoikpe (2025) to describe the suspended time experienced between diagnostics and treatments procedures. Starting with the case of an oncological patient, referred to here as Mr. Paulo, the article reflects on this waiting in connection with boredom, understood as a fundamental mood (*Grundstimmung*) described by Martin Heidegger in *The Fundamental Concepts of Metaphysics*. The article analyzes the forms of boredom — "being bored by...", "being bored with...", and "profound boredom"— in dialogue with the experience of medical waiting rooms, both literally and metaphorically. Phenomenology points to how, by arousing boredom, this situation launches us beyond everyday life and impersonality, revealing ways of temporalizing and inhabiting the world. Finally, the text indicates that it can contribute

¹ Mestre pela Universidade Federal Fluminense (2019). Possui graduação em psicologia (2014) e filosofia (2024), ambas pela UFF. Atua na área de psicologia hospitalar, cuidados paliativos e clínica psicológica.

to a two-way transit between the field of hermeneutic phenomenology (in the philosophical and clinical horizon) and the field of expanded health care.

Keywords

Hermeneutic Phenomenology. Daseinsanalysis. Profound boredom. Oncology. Healthcare. Waiting in healthcare.

INTRODUÇÃO

A questão disparadora deste texto surge da leitura do artigo “*The psychological toll of living in the metaphorical medical waiting room*”, de Judith Eguzoikpe, publicado em 04 de agosto deste ano (2025), em que nomeia como “sala de espera metafórica” um conjunto de experiências pelas quais passam pessoas que se tornam pacientes. Durante essa leitura, recordei-me de um caso que atendi em meu consultório de psicoterapia, que nomeei de Sr. Paulo. Um senhor que, em seu primeiro atendimento, recentemente havia retornado a ser paciente oncológico e aguardava a liberação de seu medicamento quimioterápico pelo plano de saúde.

Quando se falou sobre uma “sala de espera metafórica” e isso ressoou no modo como compreendo a experiência de um paciente que chegou ao meu consultório, surgiu um ímpeto para um aprofundamento a partir da questão: em que sentido nomear esse conjunto de experiências de “sala de espera metafórica” resgata a experiência da sala de espera física? Inicialmente, compreendemos que ao nomear a experiência mais ampla do paciente de “sala de espera metafórica”, a autora queria deixar explícito que buscava que transferíssemos certos aspectos da experiência da sala de espera física para essa experiência do aguardar *longamente*. Apesar de não ser uma metáfora linguística em sentido estrito, – pois ela adicionou o “metafórica” – essa construção poética é pertinente em nos fazer *ver-cómo*, utilizando um domínio mais concreto para nos fazer olhar para um domínio mais abstrato, como explica a Teoria da Metáfora Conceptual (Presotto, 2016, p. 384). Entretanto, não seguiremos uma análise a partir das teorias linguísticas sobre metáforas; a opção metodológica deste texto é percorrermos um caminho de análise fenomenológico-hermenêutica, em decorrência de que, ao atender o Sr. Paulo – que compreendo que passava por uma situação como de sala de espera metafórica – e ao refletir sobre a experiência de estar em uma sala de espera física, salta aos sentidos que ambos mostram um despertar do *tédio*. Assim, é centrado nessa concepção, a partir da fenomenologia heideggeriana, que refletimos sobre essas experiências. Resgatam-se considerações de Heidegger sobre o tédio como tonalidade afetiva para construir esse

caminho, em que apontar para uma experiência cotidiana pode nos dar um sinal sobre experiências mais amplas e constituições fundamentais à medida que nos aprofundamos. Quando pensamos em seu projeto filosófico, precisamos ressaltar que se volta à ontologia, e nesse texto temos a pretensão de abordar também aspectos ônticos. Assim, os destaques que damos seguem essa proposta de nos auxiliar na compreensão das experiências em tela. Essa possibilidade é apontada pelo próprio Heidegger em *Seminários de Zollikon*, a partir de uma aproximação e distinção: “A *Daseinsanalyse* é ôntica, a Analítica do Dasein é ontológica” (Heidegger, 2001, p. 150). Por meio das observações em *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica*, seguimos um fio pelo qual acompanhamos a ideia de “sala de espera metafórica” como uma experiência mais complexa, não apenas de um esperar o tempo cronológico, mas que aponta para alterações em como o tempo se *temporaliza*, como o mundo se *apresenta*.

De tal modo que o texto se apresenta a partir de duas propostas metodológicas. Para compreender a expressão da experiência trazida na clínica, utilizamos o método interpretativo fenomenológico-hermenêutico, considerando que “o sentido metodológico da descrição fenomenológica é *interpretação*” (Heidegger, 2009, P. 77). Buscamos a *explicitação da experiência* analisando o factual à luz da fenomenologia, assim voltamos para “[...] as expressões existenciais que têm como condição de possibilidade o solo originário comum a todos os homens” (Feijoo; Mattar, 2014, P. 447). Realizamos um movimento do mais concreto ao mais fundamental, pois relatamos primeiro a expressão do existente singular que chega ao consultório em sua vivência singular, depois pensamos essa expressão articulada à sua condição como paciente oncológico à espera de tratamento – o que já remete a expressão da vivência a uma classe de pessoas –, para trazermos o tédio como tonalidade afetiva fundamental do *dasein*. Simultaneamente, realizamos o método de exposição e análise conceitual, tendo em vista que objetivamos mostrar a expressão linguística “sala de espera metafórica” (tomada como conceito) e a concepção heideggeriana de tédio, além de as articular.

Em termos de estrutura, partimos de uma breve descrição de aspectos do caso do Sr. Paulo na primeira seção. Na segunda seção, destacamos algumas passagens do artigo de Judith Eguzoikpe. Na terceira seção, adentramos o texto heideggeriano através da concepção de tonalidade afetiva, em seguida buscamos analisar suas considerações sobre o tédio, abordando as três formas presentes em seu texto, “ser entediado por...”, “estar

entediado junto a...” e “tédio profundo”. Na quarta seção, buscamos produzir pontes entre esses terrenos delineados, retomando o caso inicial e as salas de espera através do que foi desenvolvido. Ao final, pretendemos que nossas reflexões e conexões auxiliem na compreensão dessa situação conceituada como “sala de espera metafórica”, que está associada ao diagnóstico e tratamento de doenças graves e ameaçadoras da vida, aproximando o pensamento filosófico das questões de saúde para ampliar a perspectiva do cuidado de modo integral.

1 A ESPERA DO SR. PAULO

A nora de Paulo entrou em contato com meu telefone profissional. Ela é profissional de saúde, e conta que conversaram sobre o assunto de “fazer terapia” nos últimos dias. Quando pergunto qual o tipo de situação, ela me explica que ele é uma pessoa que recebeu notícia de recidiva de câncer, após 10 anos do tratamento inicial, que já havia sido interrompido. Na conversa, prossegue demonstrando sua preocupação com ele: “Não estava bem, não estava conseguindo dormir, estava muito ansioso. Eu observo ele muito triste, meu sogro é uma pessoa com o humor muito... muito bem humorado, muito alegre.” Assim, após mais algumas mensagens para esclarecer dúvidas procedimentais, agendamos um atendimento.

O Sr. Paulo é um homem branco, idoso, católico, casado, com filhos adultos e neta criança. Aposentado, porém, segue trabalhando em empreendimento familiar, e apresenta ocupações com a rotina de sua família. Aparentava estar bastante apreensivo com sua situação e se mostrava confortável em falar comigo. Logo de início afirma que esses estão sendo os piores dias de sua vida – e posteriormente pude saber que ele já havia passado por dias bastante ruins em sua vida. Diz que não consegue dormir, mesmo realizando seus hábitos noturnos e utilizando doses baixas de alprazolam. Afirma estar bastante irritável, muito impaciente, especialmente com seus familiares – com quem está com dificuldades de manter conversas – e que nem seu time do coração consegue despertar seu interesse pleno. Paulo perdeu o interesse por toda e qualquer atividade, suas relações com o mundo se restringiram a ocupações instrumentais, com as quais também demonstrava dificuldades; porém, seguia realizando aquelas que julgava muito necessárias para sua família.

Ele esclarece que, no mês anterior, médicos haviam constatado a presença de um nódulo na região pélvica, descoberto em estágio bastante inicial, após realizar uma

ressonância magnética relacionada a outra pesquisa diagnóstica. Ou seja, ele não apresentava sintomas importantes e a descoberta da recidiva foi um achado. Havia cerca de 25 dias que tinha realizado uma consulta com um oncologista, inclusive conhecido de sua família, que traçou plano terapêutico com quimioterapia. Eis que surge o que ele percebe como seu principal problema: ele era usuário de um plano de saúde, entretanto, o plano ainda não havia liberado seu acesso ao medicamento necessário e, de seu ponto de vista, *não demonstrava celeridade* em que seu pedido fosse autorizado. Na época, juntos constatamos que o medo da progressão da doença e um sentimento de injustiça pela recusa do acesso ao medicamento fizeram seu mundo se restringir a uma espera constante de uma resposta.

Devido a compromissos médicos, ele voltou após duas semanas, e se apresentou bastante diferente. Acontece que nesse período ele havia recebido a autorização para acessar o medicamento, aproximadamente cinco dias após o atendimento. Além disso, havia realizado uma consulta com seu geriatra, que prescreveu cloridrato de trazodona, o que o ajudou a regular o sono. Seguimos com seus atendimentos por alguns meses. Ele iniciou o tratamento quimioterápico, sem efeitos colaterais que atrapalhassem excessivamente sua rotina como anteriormente estabelecida. Retomou a paciência com aqueles com quem antes tinha paciência e permaneceu impaciente com aqueles que, segundo ele, só falam de doença e desgrça. Um acontecimento muito importante ocorreu logo no segundo mês, voltou ao estádio do Maracanã com todo o prazer, o qual faz parte da sua vida desde a infância. Além de tudo isso, durante esses meses, ficou claro como estar com sua neta era um momento ímpar para ele, que também havia sido afetado naquele período. Relatava que quando era mais jovem, devido a diversos fatores, teve muitas dificuldades em conseguir estar junto a seus filhos em momentos mais descontraídos na infância; com a neta ele via a oportunidade de participar de e apreciar momentos simples do cotidiano. Durante todo esse período em que o atendi uma atividade frequente para aliviar o estresse era dirigir sem rumo, sobre a qual ele falava de maneira jocosa que era um momento para “*transparecer a cabeça*”.

2 A METÁFORA DA SALA DE ESPERA

Neste texto não objetivamos realizar um estudo de caso em psicologia, tendo em vista que não iremos analisar as características do caso em suas complexidades internas, nem iremos elucidar em detalhes os processos de evolução ou de intervenções

profissionais. Ocorre que o artigo “*The psychological toll of living in the metaphorical medical waiting room*”, com o subtítulo “*Wait for approval. Wait for the callback. Wait for someone to say, yes, now is the time*”, escrito por Judith Eguzoikpe ao *Stat News*, me fez recordar aqueles atendimentos com o Sr. Paulo quase que imediatamente, e prefiro iniciar pela situação concreta, mostrando como podemos nos deparar, antes de abordar questões abstratas.

Em seu artigo de opinião, a autora inicia afirmando:

There is a kind of waiting in medicine that does not happen in chairs or hallways. It happens in lives, quietly, when the next step is unknown. It is not the waiting room with check-in desks and background television. It is the one that begins after a diagnosis, when a plan has been made but not yet set in motion. (Eguzoikpe, 2025)

E aponta sobre como esse período de espera exige do paciente um trabalho emocional: “Still, we must acknowledge that waiting is not passive. It is labor. Emotional labor. The work of keeping hope alive without a clear timeline. The effort of showing up for your life, even when part of it feels *suspended*” (Eguzoikpe, 2025, grifo do autor).

A autora segue discorrendo sobre a importância de que os profissionais e pessoas próximas permaneçam presentes para o paciente, fazendo-o se perceber como visto, como lembrado em pequenos gestos. E conclui com a seguinte mensagem:

And so, for all who are waiting for a kidney, a call, an answer, a beginning, know this: Your time is not wasted. Your strength is not unnoticed. The story you are living right now matters, even in its quietest chapters. (Eguzoikpe, 2025)

Seguindo a pista construída por Eguzoikpe, ao propor, no título, a nomeação dessa experiência como uma “metáfora da sala de espera”, pensemos o que de sala de espera passa a existir na experiência cotidiana da vida de alguém que está há dias ou meses à espera de um tratamento, de um medicamento, de um resultado de exame etc. Que aspectos permitem a autora propor essa metáfora? Compreendo que poderíamos pensar no sentimento de ansiedade e apreensão despertados nas salas de espera, na angústia despertada pelo adoecimento e a proximidade com a finitude, e estaríamos capazes de argumentar com razão em nosso pensamento, afinal, isso também faz parte de muitas experiências. Porém, ao me recordar do caso do Sr. Paulo, salta-me imediatamente outra experiência, frequentemente menos notada: o *estar entediado*.

Com isso em vista, resgataremos a concepção de *tédio* em Heidegger. Ao discorrer sobre o tédio em *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica* (2011), o autor fala sobre três modos do tédio. “Ser entediado por...”, “estar entediado junto a...” e o “tédio profundo”. Expõe que, ao ir se aprofundando, o tédio nos mostra mais claramente sua essência como tonalidade afetiva fundamental (*Grundstimmungen*). Entretanto, em vez de iniciar por uma tentativa de descrição da essência do tédio profundo, vamos partir do mais simples e mais frequente, em direção ao mais complexo e mais extraordinário (em sentido tanto da frequência, quanto do que vai além do ordinário, da vida cotidiana). Da sala de espera física à sala de espera metafórica; do ser entediado por... ao tédio profundo. Assim, abordamos não apenas a lida com a enfermidade como uma afetação ao corpo físico e ameaça à vida orgânica, mas com um aspecto que frequentemente compõe o que é *estar-doente* em nossa sociedade, que é o diagnóstico e tratamento da doença. Pensemos essa tonalidade afetiva a partir dessas entradas.

3 TÉDIO

3.1. Explicação preparatória: tonalidade afetiva

Partimos nesse texto da pressuposição de que o leitor já possui alguma compreensão do projeto filosófico da Analítica do *Dasein* proposta por Heidegger. Por tal motivo, não nos deteremos em maiores introduções. Focamos em elucidar nessa seção a concepção de tonalidade afetiva (*Stimmung*), mostrando como se relaciona com a perspectiva do homem como ser-aí e ser-no-mundo. Heidegger explica que:

Em um sentido que ainda precisamos determinar, denominamos o ser do homem ser aí em contraposição ao ser-simplesmente-dado da pedra. À essência do ser-aí pertence, enfim, esse estar-fora. Este não é um evento qualquer, que às vezes entra em cena, mas um caráter essencial do próprio ser do homem: um como de acordo com o qual ele é; e isto de tal forma que um homem, porque existe, sempre já está também, de algum modo, necessariamente fora de seu ser-aí. (Heidegger, 2011, p. 83)

Esse fora de seu ser-aí, que é uma constituição fundamental do modo de ser do ser-aí, é indicado também pela constituição de ser-no-mundo. Essa expressão é cunhada de tal forma que visa “referir-se a um fenômeno de *unidade*.” (Heidegger, 2009, p. 98) O ser-aí está sempre, necessariamente, existindo em-um-mundo, “ser-no-mundo não é uma ‘propriedade’ que a presença às vezes apresenta e outras não, como se pudesse *ser* igualmente com ela ou *sem* ela.” (Heidegger, 2009, p.103) Da mesma forma, nessa unidade originária, mundo também não é algo dado anteriormente, “[...] sua experiência

só é e só pode ser feita de maneira fenomenológica, de forma que mundo se dá enquanto fenômeno ao invés de estar simplesmente presente e apto a ser percebido por uma subjetividade.” (Da Costa; Feijoo, 2020, p. 318) Portanto, não se trata de uma justaposição de elementos (ser e mundo), mas, sim, de uma co-originalidade fundamental.

Para abordar tonalidade afetiva, iniciaremos com um esclarecimento: não nos interessa nesse texto debater ou argumentar sobre melhores traduções para o conceito, mas apontamos que existem algumas traduções para o português disponíveis. Como utilizamos a edição de *Os Conceitos da Metafísica* em que o tradutor opta por “tonalidade afetiva”, seguimos com essa terminologia.

Em relação ao termo, Casanova indica que:

Em alemão, a palavra utilizada para designar uma tonalidade afetiva indica ao mesmo tempo um ânimo ou uma atmosfera específica. A Stimmung não diz apenas o estar afinado de um certo modo, mas também o astral ou animação de um ambiente. Heidegger aproveita as variações semânticas do termo em alemão para mostrar como a “tonalidade afetiva” não pode ser simplesmente associada com um estado da alma, mas determina sim a totalidade do acontecimento. (Heidegger, 2011, p. 87, nota do tradutor)

Assim, permanecemos desde já atentos ao fato de que tonalidade afetiva não indica um estado mental interior, nem indica algo como um ente no mundo:

Tonalidade afetiva se refere ao modo mesmo como o ser-aí se encontra “sintonizado” com o mundo que ele mesmo é. Ela corresponde à “afinação” do ser-aí com seu espaço performático, é o modo concreto com que mundo se pronuncia na sua mostração imediata (...) [as tonalidades afetivas] se fazem presentes incessantemente e são condições de possibilidade para a experiência fática de mundo. (Da Costa; Feijoo, 2020, p. 318)

A tonalidade afetiva não é algo interior, nem exterior, em relação ao ser-aí e ao mundo, ela justamente pertence à unidade originária de ser-no-mundo que é anterior ao próprio estabelecimento de interior e exterior. De modo que “eu” e “mundo circundante” são posteriores à relação que já é estabelecida *em* uma tonalidade afetiva. Heidegger expõe que:

Elas são jeitos do ser-aí e, com isto, do ser-fora. Uma tonalidade afetiva é um jeito, não apenas uma forma, ou um padrão modal, mas um jeito no sentido de uma melodia, que não paira sobre a assim chamada presença subsistente própria do homem, mas que fornece para este ser o tom, ou seja, que afina e determina o modo e o como de seu ser. (Heidegger, 2011, p. 88)

É possível também já compreendermos que, como o homem, enquanto existe, é sempre ser-no-mundo, essa relação sempre se dá em alguma tonalidade afetiva. O “ser-aí já está sempre afinado desde o seu fundamento. O que acontece sempre é apenas uma mudança das tonalidades afetivas.” (Heidegger, 2011, p. 89) Se nos sentimos envolvidos em uma alegria ou tristeza, tendemos a nos dar conta, tomar consciência da existência dessas tonalidades. Entretanto, na maior parte do tempo, vivemos sem tomarmos consciência das tonalidades presentes, temos a vivência como um “*não-estar-afinado*” (Heidegger, 2011, p. 89). Isso, obviamente, não impede que a tonalidade presente opere no modo como o mundo se constitui – incluso si-mesmo –, mas justamente o contrário, tais tonalidades operam mantendo o ser-aí ocupado com o mundo em sua cotidianidade. “*Ser-afinado* é um modo fundamental do *ser-aí*.” (Heidegger, 2011, p. 118-119)

Nessa perspectiva o tédio aparece como uma *tonalidade afetiva fundamental*. Esse caráter que a faz receber a alcunha de *fundamental* é explicado da seguinte maneira por Da Costa e Feijoo:

As tonalidades afetivas que não são cotidianas têm o poder de confrontar o ser-aí com o nada de si-mesmo. Em razão da conexão dessas tonalidades afetivas com a experiência do ser-aí em sua essencialidade, enquanto fundamento nulo de si-mesmo (Heidegger, 1988), tais tonalidades afetivas são chamadas de tonalidades afetivas fundamentais (Grundstimmungen) (Da Costa; Feijoo, 2020, p. 319).

Guardemos esse apontamento inicial. Vamos retornar ao tema da sala de espera e chegaremos à exploração do tédio como tonalidade afetiva fundamental posteriormente.

3.2. A sala de espera física e “estar entediado por...”

A experiência em que reconhecemos o tédio com mais facilidade é a de “ser entediado por...”. No âmbito desta temática, é provável que mais leitores tenham passado pela experiência concreta de uma sala de espera física do que pela “sala de espera metafórica”; tal proximidade pode auxiliar como ponto de partida para compreender o fenômeno. Ao nos encontrarmos em uma sala de espera médica, muitas vezes experienciamos o tédio despertado por aquela situação. Podemos chegar e ter que esperar por um longo tempo, por vezes indeterminado. Independentemente da configuração da sala – com TV ou sem, com poltronas ou cadeiras mais desconfortáveis etc. – o aguardar pode se tornar cada vez mais enfadonho. Podemos nos irritar, não exatamente com algum

ente específico, mas com o quadro como um todo; cada coisa que pensamos em fazer fora dali começa a ganhar uma força maior de importância. O tempo parece estar mais lento, *ralentando*, ainda assim, pode-se ter o pensamento de “perda de tempo”.

Em Heidegger, inicialmente, a figura do *passatempo* aparece como uma entrada para compreender o tédio. Ele é aquilo que buscamos para aniquilar esse tempo que se prolonga em demasia. “Esse tempo, que teima em não passar logo, direciona inequivocamente o ser-aí a um correspondente passatempo, que tem por único objetivo a desvinculação com o tempo hesitante.” (Da Costa; Feijoo, 2020, p. 321) Logo, tempo que não é cronológico, mas a temporalização do mundo nessa tonalidade afetiva. Buscar um passatempo, “[n]ão se trata simplesmente de passar o tempo, mas de dispersá-lo, de fazer com que ele se *dissipe* mais rapidamente. Portanto, ele anda *devagar*.” (Heidegger, 2011, p.129) Assim, o passatempo revela a tentativa de escapar da experiência de ser entediado por algo, ao mesmo tempo em que mostra a inevitabilidade dessa vivência diante da impossibilidade de controlar: quanto mais buscamos dissipar o tempo, mais ele se evidencia em sua lentidão, impondo ao ser-aí o despertar incômodo do tédio.

Em meio à ocupação procurada no passatempo não nos interessa com o que estamos nos ocupando, nem tampouco se algo advém daí e somos, com isto, úteis aos outros. Não nos interessa nem o objeto nem o resultado da ocupação, mas sim o estar-ocupado enquanto tal e somente isto. Nós procuramos qualquer estar-ocupado. Por quê? Apenas não cairmos na serenidade vazia do tédio: na serenidade vazia que começa a emergir. (Heidegger, 2011, p. 134)

Em *Os conceitos fundamentais da metafísica*, Heidegger utiliza o exemplo de estar em uma estação de trem aguardando a vinda do trem específico, o que se assemelha bastante ao tédio de estar em uma sala de espera. O momento estrutural da serenidade vazia, nesse modo de estar entediado por algo, aparece pela *espera* que suspende as ocupações e coloca o existente como *desocupado* em relação às atividades cotidianas. A sala de espera é um espaço próprio para retirar o existente da ocupação com outras atividades e da cidade (como espaço de livre circulação) ao mesmo tempo em que ainda não é inserido diretamente no atendimento médico, é um espaço de suspensão – para já apontarmos ao texto de Eguzoikpe. Ao falar sobre *ser-deixado vazio* pelas coisas que se recusam e pela serenidade vazia, Heidegger afirma que: “*Serenidade vazia e preenchimento* dizem respeito à *lida* com as coisas. A serenidade vazia é afastada quando

as coisas estão à disposição: quando elas estão simplesmente dadas.” (Heidegger, 2011, p. 135) Ou seja, a serenidade vazia é um momento em que as coisas não estão simplesmente dadas e é essa a busca pelo ocupar-se que se dá no passatempo. Atualmente temos a tecnologia dos celulares que auxiliam no *passar-o-tempo* – afinal, quantas vezes não escutamos as pessoas falando que perderam a noção do tempo enquanto estavam ao celular? – especialmente daqueles que estão nas salas de espera e não são extrovertidos ao ponto de “jogar conversa fora”. Aliás, a expressão “jogar conversa fora” também é interessantíssima da perspectiva de mostrar a ocupação com o falatório como sustentáculo de um modo de ser cotidiano do ser-aí.

A sala de espera tem como função a própria organização do tempo de quem chega para atendimento. Não nos surpreende, nem decepciona, em sua função; mas nos coloca diante da temporalidade: aguardar, esperar, sugerem lidas com o próprio tempo. No tédio:

As coisas nos deixam em paz, não nos aporrinham. Mas elas também não nos ajudam: elas não fazem como que assumamos uma atitude em relação a elas. Elas nos abandonam a nós mesmos. Porque elas não têm nada a oferecer, elas nos deixam vazios. Deixar vazio significa não oferecer nada enquanto algo simplesmente dado. Serenidade vazia diz: não receber nenhuma oferta do que está simplesmente dado. (Heidegger, 2011, p. 137)

No tédio as coisas não nos deixam em paz, nem nos aporrinham; fundamentalmente, não há tédio paciente, nem impaciente. Por isso um importante alerta de Heidegger, para que não confundamos a essência do tédio com seu efeito possível:

A impaciência diz muito mais respeito ao modo como queremos nos assenhorar do tédio e ao fato de frequentemente não estarmos em condições de nos assenhorar dele. O passatempo tem este caráter peculiar de uma inquietude adejante, que traz consigo esta impaciência. Pois, em meio ao ser entediado, tudo se dá de uma forma tal que a inquietude não nos deixa encontrar nada que nos pudesse cativar, preencher e devolver a paciência durante a espera. (Heidegger, 2011, p. 125)

A situação da sala de espera física pode despertar o tédio no contato com uma situação exterior, de tal modo que nos encontramos nessa forma mais superficial do tédio, *ser entediado pela sala de espera*, há uma especificidade de ente ao qual o entediar-se/entediante está ligado. O existente está constrangido pela exterioridade que o detém no aguardar, a recusa do que espontaneamente se esperava do ente. De maneira mais simples,

a interrupção desse modo do tédio está ligada ao preenchimento da expectativa de ser atendido, que interrompe a situação da sala de espera.

3.3. O aprofundamento do tédio

Em termos de gradação de profundidade, Heidegger aponta para o “entediarse junto a algo” como uma forma entre o “entediarse por algo” e o “tédio profundo”. Se na primeira forma o tédio é vivenciado como algo despertado como que de fora, nesta segunda forma o tédio não pode mais ser colocado como provocado por uma exterioridade que retém:

O tédio concentra-se cada vez mais em nós, em nossa situação enquanto tal; e o que há de singular na situação não tem grande importância. De maneira acessória, ela não é senão aquilo junto a que nos entendíamos, não o que nos entedia. (Heidegger, 2011, p. 150)

O filósofo elucida com o seguinte exemplo: ter sido convidado para uma festa, para a qual se teve tempo ao final do dia, entre sair do trabalho e dormir, e assim decidido ir. A festa decorre de maneira agradável nos mais diversos sentidos, músicas, pessoas, comidas. Entretanto, ao final, ocorre o pensamento de que se entediou, ou melhor, se esteve entediado. Aqui, Heidegger, aponta para uma relação com o tédio em que não é mais posto em um ente ou situação particular a alcunha de “causa” do tédio, mas “[...] o entediante possui um caráter do *‘eu não sei o que’*. [...] Simplesmente caímos neste estranho *deixar-rolar* em relação a este *‘eu não sei o que’*. (Heidegger, 2011, p. 151) Assim se move do “[...] algo *determinado enquanto entediante*” para “[...] algo *indeterminado enquanto entediante*.” (Heidegger, 2011, p. 152)

O *passatempo* aqui não é mais uma ocupação com as árvores, com contar passarinhos, ou com o celular, em meio à situação; mas a própria situação como um todo é uma ocupação *passatempo* buscada pelo existente. Nesse caso, “o que acontece é que o próprio ser-aí busca para si o esvaziamento do espaço em meio ao qual vai se inserir. O ser-aí busca escapar de si-mesmo.” (Da Costa; Feijoo, 2020, p. 322)

Assim o vazio não aparece pelo recusar dos entes, mas cresce na própria profundidade do ser-aí. Como expõe o autor alemão:

Reside aí um *deixar-rolar* peculiar, e mesmo em um sentido duplo: em primeiro lugar, no sentido de entregar-se ao que aí se transcorre.; em segundo, no sentido do deixar-se-para-trás, do abandonar-se, do deixar-para-trás o si-próprio mesmo. Neste *deixar-rolar* característico da entrega ao que aí transcorre por parte do que se deixa para trás pode

formar-se um vazio. [...] não permanece um vazio não preenchido, mas forma-se justa e efetivamente um vazio. Este vazio é o deixar-se-para-trás de nosso si-próprio mesmo. Este vazio se formando é este “eu não sei o que”: o que nos oprime mais ou menos. (Heidegger, 2011, p. 158)

A lida com esse tempo com o qual nos ocupamos de modo a estagnar o vazio, produzido nesse deixar-rolar, corresponde com o despertar do “estar entediado junto a...”:

O tempo estagnado não apenas não nos abandona, mas justamente nos cita, nos posiciona. Ao sermos assim posicionados, ao sermos deixados soltos em meio à participação na situação pelo agora estagnado, que é nosso si-próprio mesmo, apenas abdicado e vazio, nos entediamos. (Heidegger, 2011, p. 166)

Se compreendermos que o “*tédio emerge da temporalidade do ser-aí*” (Heidegger, 2011, p. 168), de maneira simultânea veremos nessa forma do tédio, o “[...] despontar do tédio no e a partir do ser-aí, a propósito de uma situação em questão [...]” (Heidegger, 2011, p. 173), não mais o tédio como despertado pelo objeto entediante. O tempo não ralenta, prolongando-se excessivamente; mas ele torna-se estagnado pela desarticulação de passado e futuro, o próprio esvaziar-se do si-próprio:

O agora só pode permanecer agora. Mas o agora também não pode se mostrar como o posterior, como um tal que ainda está por vir. Nada por vir porque o horizonte do futuro está desarticulado. Bloqueio do passado e desenlace do futuro não colocam de lado o agora, mas retiram dele a possibilidade da transição de um ainda-não, para um não-mais: o fluir. (Heidegger, 2011, p. 165)

Se, no “ser entediado por algo” o tédio aparece como reação a um ente ou situação determinados, e, no “ser entediado junto a...”, ele se desloca para a totalidade da *situação-passatempo*, em que o vazio emerge do próprio ser-aí, então resta ainda abordarmos a última forma descrita. A segunda forma, ao evidenciar o tempo estagnado e o deixar-rolar do si-mesmo, já aponta para uma radicalização: o tédio não apenas se insinua como indeterminado, mas começa a revelar no próprio existir a sua lida com a temporalização. O “eu não sei o quê” que oprime e esvazia o ser-aí mostra a possibilidade de que o tédio não esteja mais ligado nem a algo, nem a uma situação, mas à totalidade mesma do ser-no-mundo.

É precisamente nesse deslocamento que se anuncia o “tédio profundo”. Aqui, o fenômeno já se mostra como uma disposição fundamental que suspende a significatividade do mundo em sua totalidade, como afirma: “O *vazio* consiste aqui,

portanto, na *indiferença*, que abrange o ente *na totalidade*.” (Heidegger, 2011, p. 182). É notável que ao falar de “ente na totalidade” o pensador também aprofunda ainda mais a relação do tédio com o ser-aí, ao apontar que também a noção de certa identidade consolidada da pessoa, o indivíduo público, se afeta pela tonalidade afetiva do tédio:

Esta indiferença das coisas e de nós mesmos para com elas não é o resultado de uma soma das avaliações. Ao contrário, tudo em geral e cada coisa em particular tornam-se de uma tacada só indiferentes. Tudo em geral e cada coisa em particular reúne-se simultaneamente em uma indiferença. Esta indiferença não salta de uma coisa para outra como um fogo a consumi-las, mas tudo é abarcado e abrangido de uma só vez por esta indiferença. Como dissemos, o ente tornou-se na totalidade indiferente, sem excluir a nós mesmos enquanto estas pessoas determinadas. (Heidegger, 2011, p. 182)

Diante de tal constatação é que no tédio profundo o autor fala de um “é entediante para alguém”. Esse alguém é o ser-aí como tal, como “clareira do ser”; desprovido das categorias de sujeito e objeto de antemão.

A indiferença na totalidade dos entes faz com que se mover em uma direção ou em outra não faça qualquer sentido simplesmente-dado, ou seja, o mundo se presentifica de maneira que as possibilidades estão de certo modo recusadas devido à indiferença entre elas, no sentido de que não há o que anime o ser-aí a tomar qualquer direção. Nessa forma do tédio, o ser-aí é exposto à sua liberdade originária, a essa condição de *estar-lançado* e ter de assumir ou não a si mesmo sem garantias, porque, justamente ao não ser animado em nenhuma direção específica – como ocorre na ocupação com um ente particular –, esse se coloca diante da igualdade das direções. Aqui a *cotidianidade* e *impessoalidade* não são eliminadas de vez, elas permanecem em um estranhamento, circundadas pela tonalidade afetiva do tédio.

O tédio é uma *tonalidade afetiva fundamental* justamente porque seu despertar permite acesso a questões fundamentais, àquilo que se encontra no fundamento. Permite o acesso ao ser-aí ao pôr em suspensão a impessoalidade e a temporalidade cotidiana. Essa impessoalidade é elucidada em *Ser e Tempo*:

O impessoal encontra-se em toda parte, mas no modo de sempre ter escapulado quando à presença [*Dasein*] exige uma decisão. Porque prescreve todo julgamento e decisão, o impessoal retira a responsabilidade de cada presença [*Dasein*]. [...] O impessoal tira o encargo de cada presença em sua cotidianidade. (Heidegger, 2009, p. 185)

Assim, podemos complementar:

Numa primeira aproximação, “eu” não “sou” no sentido do propriamente si mesmo e sim os outros no molde do impessoal. [...] Numa primeira aproximação, a presença [*Dasein*] é impessoal, permanecendo assim na maior parte das vezes. (Heidegger, 2009, p. 187)

E a temporalidade, como vimos, “[...] pode *temporalizar* em diferentes possibilidades e em diversos modos.” (Heidegger, 2009, p. 386) É em meio a essas diversas possibilidades que a temporalidade cotidiana se mantém com maior frequência: “A temporalidade da presença [*Dasein*] constrói a ‘contagem do tempo’. O ‘tempo’ nela experimentado é o aspecto fenomenal mais imediato da temporalidade. Dela brota a compreensão cotidiana e vulgar do tempo.” (Heidegger, 2009, p. 307). Logo, são possibilidades de modos de efetuação do ser-aí que predominam de início na maior parte das vezes, que quando imersos nas tonalidades afetivas fundamentais perdem sua aparência de necessidade e mostram-se como possibilidades.

4 CAMINHANDO POR PONTES

Quando pensamos no caso do Sr. Paulo percebemos logo de início um aspecto essencial do “ser entediado por...”, algo foi recusado em sua expectativa de mundo. Da mesma maneira que Heidegger fala sobre o aguardar na estação de trem que não entrega o trem na velocidade esperada, assim, apesar de ter um diagnóstico e tratamento determinados, o medicamento é recusado no tempo esperado. O Sr. Paulo falava explicitamente que o tempo de espera era “extremamente longo”, o tempo *ralenta*. Entretanto, essa recusa não implica em uma espera de horas, nem se trata de um ente banal, trata-se de uma espera que toma diferentes espaços, e do acesso a um ente que tem o significado de “vida ou morte”, persistência ou aniquilação.

Precisamos levar em conta que o adoecimento e diagnóstico já podem ter sido situações despertadoras de angústia, que, como outra *tonalidade afetiva fundamental*, também suspende o ser-aí de sua impessoalidade e cotidianidade, deparando-o com o nada que desvela sua condição de ser-para-morte, com seu limite e finitude necessários. Isso pode nos auxiliar a compreender por que a recusa do medicamento também faz o tempo acelerar, em sentido contrário ao do tédio. Nesse caso, a espera do tempo do tédio que não passa não é para o dia ou momento posterior, como quem quer realizar outra atividade; mas é a própria espera do objeto recusado que é visto como capaz de

interromper o curso de sua doença que ameaça sua vida. O paciente não quer que o tempo passe rápido da mesma maneira que o trabalhador quer que a “semana útil” acabe para aproveitar o fim de semana, afinal essa aproximação veloz do tempo cronológico indica também a progressão de sua doença. Entretanto, ele quer que o tempo passe rapidamente até a chegada da *solução*, pois seu mundo se encontra em uma suspensão aguardando esse fato. Em “meio a este “é entediante para alguém” surge para este alguém uma certa atemporalidade, a gente se sente aí retirado do fluxo do tempo.” (Heidegger, 2011, p. 186)

Esse aparente paradoxo temporal – “aparente”, pois a temporalização é diferente nas tonalidade afetivas diferentes, o que explica a mudança –, pode ser percebido em falas que ocorrem no mesmo atendimento, como “os dias parecem que não passam” e “parece que eu já fiz a consulta há muitas semanas”.

No atendimento, quando falamos de sua experiência cotidiana, a sensação era de “perda de tempo”. Recusado o único ente que se diferencia dos demais, como aquilo que pode perdurar a existência, todos os outros passam a se mostrar na mesma insignificância, aqui indicando sem significado simplesmente dado. Quando Heidegger afirma que, no tédio, as coisas nos deixam em paz, não nos aporrinham, mas também não nos ajudam, e que a impaciência decorre da incapacidade de nos assenhorarmos do tédio, passamos por essa via a conceber a irritabilidade do Sr. Paulo – mas também de diversos outros pacientes oncológicos atendidos. O mundo se apresenta como absolutamente desinteressante, o que irrita não são os entes, mas a incapacidade de se voltar a qualquer ente de maneira interessada. Na cotidianidade, com os entes se apresentando como *simplesmente dados*, percebemo-nos como que atraídos por eles a buscá-los; na *serenidade vazia* em que o ser-aí se vê imerso os entes não o animam em qualquer direção, a irritação é com o próprio *desânimo*, com a falta de sentido previamente dada a qualquer ação. Aqui também cremos estar mais capazes de compreender profundamente quando Eguzoikpe fala sobre a espera não ser passiva e sobre o esforço emocional que é necessário para seguir aparecendo para a vida mesmo quando parte parece suspensa (nos trechos citados na segunda seção). O esforço da decisão de si-próprio e do mundo é mais *exigente* do que os esforços de ocupação com os entes. O tédio oprime o ser-aí nesse sentido, de que o existir é finito e não possui em si mesmo fundamento último já dado, ele reposiciona o existente diante da exigência que é existir.

O “sair para dirigir” do Sr. Paulo era um momento de reordenação; tanto no sentido de interromper pensamentos, como de dispor de uma ocupação a qual podia recorrer com facilidade, com a qual era habituado desde sua adolescência.

Com o Sr. Paulo, especificamente, seu objeto recusado chegou por volta do trigésimo dia após a determinação do tratamento, e o mundo retornou quase todo a sua ordem *naturalizada*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse texto se inspira e busca se aprofundar na concepção poética a partir da qual Eguzoikpe nos fala das experiências de pacientes aguardando os diversos procedimentos que passam a fazer parte da vida: tratamentos, exames, consultas etc. Tanto o artigo da autora, quanto este próprio, nos abrem possibilidades de ir a essas experiências com uma perspectiva que não é a da psicopatologia psiquiátrica atual. E aqui, apesar de não descartarmos completamente, recusamos sua soberania interpretativa.

A proposta de abordar um caso específico foi para que pudesse aproximar o conteúdo mais abstrato da vivência junto a existentes em tais condições, tanto por profissionais de saúde mental, quanto por outros profissionais de saúde, para que a perspectiva fenomenológica possa ser mais disseminada nesses meios. Novamente, ressaltamos que não se tratou de estudo de caso ou de tentativa de explicação em termos causais; também seria infrutífero tentar “enquadrar” dentro de formas específicas do tédio, como se fosse um diagnóstico tardio preciso. Pensamos que os temas aqui abordados, através da “sala de espera metafórica” e do tédio, frequentemente fazem parte das vidas de pacientes com doenças graves, ameaçadoras da vida, e podem ser *parte* de uma perspectiva de compreensão. Nossa proposta é ampliar o modo de estarmos juntos no cuidado em tais situações.

Esperamos que este texto possa contribuir para acrescentar a essa discussão no campo *daseinsanalítico* – como perspectiva filosófica e clínica –, e também estimular maneiras de pensar a existência com enfermidades e o cuidado em saúde; que a dimensão fenomenológico-hermenêutica possa ser vista além de um recurso teórico em sentido vulgar, que possa ocupar um sentido de possibilidade concreta de transformação no modo como nos relacionamos com o cuidado (*lato sensu*), com o sofrimento e a finitude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA COSTA, P. V.; FEIJOO, A. M. Daseinsanálise e a Tonalidade Afetiva do Tédio: diálogos entre psicologia e filosofia. *Phenomenological Studies: Revista da Abordagem Gestáltica*. Goiânia, Vol. XXVI-3, p. 317-328, 2020. [DOI: 10.18065/2020v26n3.7]

EGUZOIKE, J. 2025. *The psychological toll of living in the metaphorical medical waiting room*. [Online] Disponível em: <https://www.statnews.com/2025/08/04/waiting-period-medicine-transplant-treatment-plan-results-diagnosis-psychological-toll/> ; Acesso em: 07/08/2025.

FEIJOO, A.M.L.C.; MATTAR, C.M. A Fenomenologia como Método de Investigação nas Filosofias da Existência e na Psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*., Brasília, Vol. 30, n. 4, p. 441-447, Out-Dez 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/YPGVfdBZzVfsgXYKQtHyYcN/?format=pdf&lang=pt> ; Acesso em: 11/04/2026

HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Trad. Gabriela Arnhold, Maria de F. A. Prado, São Paulo: EDUC/Vozes, 2001.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia S. C. Schuback. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, M. *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica: mundo, finitude, solidão*. Trad. Marco A. Casanova. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

PRESOTTO, L. A metáfora: discussão e análise à luz da linguística cognitiva e da pragmática. *Anais do IX Colóquio de Linguística, Literatura e Escrita Criativa: (Des)limiaries da Linguagem*. PUCRS, Porto Alegre, p. 383-395, 2016.

Recebido em: 31/08/2025 | Aprovado em: 08/04/2026